

RUMO A BRASÍLIA: O OLHAR ESTRATÉGICO DO INSTITUTO ARGENTINO ELEVAN SOBRE A AMÉRICA DO SUL

Por Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Da Amazônia às Malvinas, Brasil e Argentina compartilham um mesmo horizonte estratégico: unir soberania, conhecimento e cooperação para defender seus territórios, fortalecer a autonomia sul-americana e construir um futuro em que poder e geopolítica estejam a serviço dos povos e das gerações futuras.

Nos próximos dias, terei a honra de viajar a Brasília para participar do “1º Seminário de Geopolítica, Segurança & Conflitos”, organizado pelo Instituto de Altos Estudos de Geopolítica, Segurança e Conflitos (GSEC), onde farei a palestra “As Relações Brasil-Argentina em Tempos de Desordem Mundial”. Para o Instituto ELEVAN, essa participação representa muito mais do que uma presença acadêmica: constitui uma oportunidade de levar ao coração político do Brasil uma reflexão argentina sobre o destino estratégico de nossos dois países e, em um sentido mais amplo, sobre o futuro da América do Sul.

O encontro ocorre em um momento especialmente significativo. A ordem internacional atravessa uma etapa de transformação acelerada. As certezas que, durante décadas,

pareceram organizar as relações entre os Estados estão se enfraquecendo; ressurgem a competição entre grandes potências, a disputa por recursos, o controle das rotas marítimas, a segurança energética, os minerais críticos, a tecnologia, a indústria de defesa e a soberania efetiva sobre os grandes espaços. Nesse cenário, o Brasil e a Argentina não podem se limitar a contemplar, a partir da periferia, decisões tomadas por outros.

Nossa palestra buscará, precisamente, ir além das fórmulas habituais de integração, muitas vezes corretas em suas intenções, mas insuficientes diante da magnitude dos desafios atuais. O Brasil e a Argentina possuem uma complementaridade estratégica excepcional. O Brasil contribui com a Amazônia, sua dimensão continental, sua massa demográfica e industrial, sua projeção atlântica e uma política externa com vocação global. A Argentina contribui com a Patagônia, o Atlântico Sul, as Malvinas, sua projeção antártica, seus recursos energéticos e minerais, sua capacidade agroalimentar e uma potencial articulação bioceânica.

Além disso, existem entre os dois países precedentes concretos que demonstram que a cooperação estratégica não é uma abstração. O setor nuclear constitui, provavelmente, o exemplo mais importante. Mas também existem possibilidades reais de avançar nas áreas espacial e de satélites, radares, defesa cibernética, indústria militar, mísseis e foguetes, desenvolvimentos tecnológicos e uma indústria metalmeccânica vinculada às necessidades de defesa e de autonomia estratégica regional.

A partir do ELEVAN, queremos propor uma ideia simples, porém de profundas consequências: a Amazônia e as Malvinas não devem ser vistas como questões isoladas ou alheias entre si. São, sob uma perspectiva sul-americana, os extremos setentrional e austral de um mesmo espaço estratégico. Entre ambos, estende-se um continente extraordinariamente rico em água, alimentos, energia, minerais, biodiversidade e possibilidades de desenvolvimento, mas também exposto a crescentes pressões externas e às nossas próprias fragilidades em termos de população, infraestrutura, conhecimento e vontade política.

Brasília constitui, por isso, um local especialmente apropriado para propor essa reflexão. A própria existência da capital brasileira expressa uma decisão histórica: abandonar um olhar exclusivamente voltado para o litoral e voltar os olhos para o interior do continente. Brasília não foi apenas uma obra arquitetônica ou administrativa. Representou a vontade de ocupar, articular e projetar politicamente o imenso espaço brasileiro.



Síntese das complementaridades estratégicas entre Brasil e Argentina, distinguindo o setor nuclear como exemplo de cooperação já demonstrada e outras áreas como possibilidades de avanço (Infográfico gerado com apoio de IA).

Há, além disso, uma dimensão que desejo trazer para esta conferência e que transcende a geopolítica entendida apenas como relação entre poder e espaço. Há mais de um século, São João Bosco voltou seu olhar espiritual para a América do Sul. Primeiro, sonhou com a Patagônia, antes mesmo de seus missionários chegarem lá. Anos mais tarde, em seu grande sonho missionário de 1883, contemplou novamente o continente e deixou aquela referência sugestiva às terras situadas entre os paralelos 15 e 20, posteriormente associadas pela tradição brasileira a Brasília.

Dom Bosco não foi um geopolítico, e seria inadequado transformar seus sonhos em um tratado de estratégia. Seu olhar era outro: onde nós observamos territórios, recursos e posições, ele via homens, povos e almas. Mas é justamente aí que surge um ensinamento que considero especialmente valioso. A geopolítica pode nos indicar onde estão nossos interesses; a estratégia pode nos ensinar como defendê-los; mas nenhuma das duas pode responder, por si só, para que queremos conservar um território, que comunidade desejamos projetar sobre ele e quais valores justificam, em última análise, o esforço de defendê-lo.

Por isso, nossa viagem a Brasília terá também esse sentido. Não se trata apenas de falar de Amazônia, Patagônia, Malvinas, Atlântico Sul ou Antártida como peças de um tabuleiro. Trata-se de lembrar que, por trás de cada espaço, existe uma comunidade histórica, uma cultura, uma soberania e uma responsabilidade perante as gerações futuras. Uma nação pode possuir enormes recursos e, no entanto, carecer de vontade

para defendê-los. Pode dispor de um território imenso e ter perdido a consciência de sua importância. Pode até conservar formalmente suas fronteiras enquanto outros projetam sobre elas seus próprios interesses.

O Brasil e a Argentina têm diferenças, interesses particulares e desafios próprios. Não se trata de negá-los. Trata-se de reconhecer que, em um mundo cada vez mais competitivo, existem âmbitos nos quais a cooperação pode multiplicar as capacidades nacionais sem diluir as respectivas soberanias. A cooperação autêntica só pode ser construída entre nações conscientes de si mesmas, capazes de identificar seus interesses e dispostas a defendê-los.

Essa será a voz que tentaremos levar a partir da ELEVAN: um convite para pensar a América do Sul com realismo, profundidade histórica e sentido de futuro. Olhar o mapa completo. Compreender que Amazônia, Brasília, Patagônia, Malvinas, Atlântico Sul e Antártida fazem parte de um cenário muito maior do que as conjunturas políticas do presente. E compreender também que a defesa desses espaços exige educação, conhecimento, ciência, tecnologia, população, indústria, Forças Armadas, diplomacia e, sobretudo, uma firme consciência nacional.

Viajar a Brasília será, então, uma ocasião para dialogar com nossos colegas brasileiros, ouvir suas preocupações e apresentar as nossas. Mas será também uma oportunidade para afirmar uma convicção que anima o Instituto ELEVAN desde a sua origem: o pensamento estratégico não pode se reduzir ao cálculo imediato. Ele necessita de história, identidade, cultura e uma concepção superior do ser humano.

A geopolítica nos obriga a olhar para a terra. A estratégia nos obriga a pensar o poder. A fé, finalmente, nos recorda para que e para quem ambos devem servir.

Com esse espírito, partimos para Brasília.

****Gabriel Camilli** é Coronel Mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
